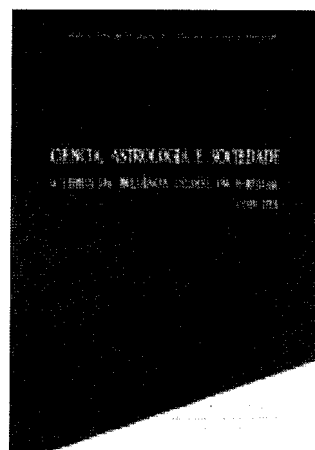


RESENHA

CARLOS ZILLER CAMENIETZKI

Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/ MCT
Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS/UF RJ



CAROLINO, Luís Miguel.

Ciência, Astrologia e Sociedade. A teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755).

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

| 161 |

Já faz algum tempo que os estudos sobre a astrologia na Idade Moderna têm se multiplicado em importantes publicações que tentam realinhar este domínio do conhecimento na vida cultural e científica. Estes trabalhos seguem, em geral, as pistas abertas por diferentes tradições de reflexão sobre a cultura e a História e primam pelo esforço em compreender as teorias, os usos e o sentido da astrologia em uma época em que ela era encontrada em toda parte.

O livro *Ciência, Astrologia e Sociedade*, publicado recentemente pela prestigiosa Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, é uma obra que se situa na vanguarda deste processo de renovação. Seu autor segue o percurso de uma idéia importante na cultura portuguesa desde o final da Renascença até o Iluminismo: as influências celestes sobre os corpos da Terra. Seu ponto de partida é a publicação dos comentários dos professores do Colégio das Artes de Coimbra aos livros de Aristóteles; o ponto de chegada é o grande debate sobre o terremoto que destruiu Lisboa em 1755.

Pela análise desenvolvida neste livro, verifica-se que o princípio astrológico é um bom guia para examinar as grandes mudanças da vida intelectual europeia. Pode-se dizer, sem temores, que a crença no governo do mundo pelas estrelas é uma idéia que não pertence ao mundo contemporâneo. De fato, como já foi assinalado diversas vezes, a astrologia contava entre as crenças que a maior parte dos eruditos do século XVIII conseguiram descartar. Contudo, na época de Tycho Brahe e de Galileu, a astrologia era domínio sólido do conhecimento, desfrutando de enorme prestígio, e que encontrava vias de renovação. Assim, o exame da evolução dos debates sobre a astrologia nos séculos XVII e XVIII pode nos mostrar o desenvolvimento das idéias científicas por um ponto de vista que acompanha um de seus opostos – ou, ao menos, algo que a ciência vai se desembaraçar. De maneira que estudar o processo pelo qual a astrologia caiu na obsolescência pode ajudar a abrir novos caminhos na História da Ciência.

Porém, este livro não se limita ao debate filosófico e astronômico. Ao estudar as idéias dos sábios portugueses do período, o autor passa de um ambiente cultural a outro, levando os fundamentos e os usos do conhecimento astrológico. Assistimos ao debate universitário sobre as teses aristotélicas e o impacto obtido pelas novas proposições sobre o livre arbítrio; em particular, o esforço para compatibilizar as idéias de Luís de Molina com a tradição astrológica. Constatamos que o profetismo – tão importante na Europa deste tempo – encontrou forte ligação com a astrologia e que, mesmo nos ambientes de Corte, onde o padre Antônio Vieira exercia suas melhores qualidades, a idéia do anúncio de um futuro mais generoso não abria mão das conjunções astrais. Finalmente, este livro não esquece os numerosos

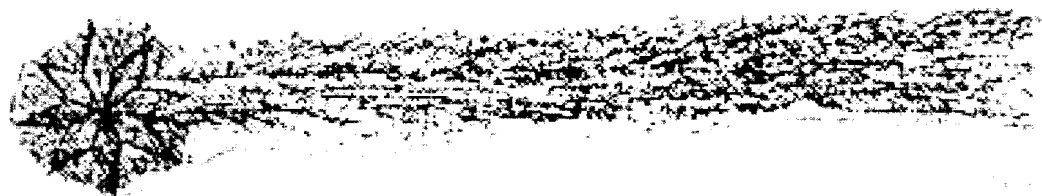
almanaques e prognósticos impressos que atraíam a atenção das pessoas nas grandes cidades e nas aldeias, buscando informar acerca do futuro próximo.

Deste modo, *Ciência Astrologia e Sociedade* não se limita às discussões científicas e aos debates de salão, também importa aquilo que os "homens práticos" da época pensaram e fizeram deste princípio, o que quer dizer, as tentativas de tornar útil o conhecimento astrológico: as previsões do clima, o bom momento para ministrar um remédio, etc. Além das teses filosóficas, tomamos contato com o debate de idéias sobre este assunto na Corte e até mesmo nas pequenas vilas do interior e nos meios mais afastados da agitação de Lisboa, de Évora ou de Coimbra. De fato, a discussão sobre a influência dos corpos celestes tocava mais os domínios da cultura e da política do que ordinariamente se pensava há poucos anos.

Uma das conclusões mais interessantes a que se chega está ligada à idéia da existência de um contraste entre aquilo que eram as preocupações dos eruditos (médicos, filósofos, cortesãos, políticos) sobre o princípio astrológico e as apreensões dos segmentos populares. Pode-se constatar com Luís Miguel Carolino que, em meados do século XVIII, nos almanaques astrológicos da literatura popular predomina uma dimensão burlesca. Em resumo, se o princípio astrológico da influência dos corpos celestes sobre as coisas da Terra conheceu um esgotamento de sua dimensão filosófica, pode-se constatar, no domínio das crenças mais difundidas, uma queda de prestígio semelhante. Se, de um lado, a agenda filosófica do século XVIII não guardava mais espaço para as influências celestes, de outro, estamos diante da perda de prestígio da astrologia enquanto crença popular! Isto nos permite pensar que a distância entre a "cultura popular" e a "erudita", ao menos sobre esta matéria, não era tão grande quanto se pensava há uns dez anos.

Ciência, Astrologia e Sociedade conseguiu reunir a análise rigorosa da evolução de um topos da filosofia ocidental ao impacto desta idéia na cultura portuguesa da Renascença tardia até a época das luzes. Isto bem pode ser um de seus méritos mais importantes.

Resenha recebida em 03/2004. Aprovada em 03/2004.



O Cometa "Pértico" representado por Frei António do Espírito Santo
(Cometas, B.G.U.C. - Ms. 2830, fl.342)